

Isabelle Peloux

COMPREENDER AS CRIANÇAS

PARA MELHOR AS EDUCAR



PASSAR À AÇÃO



Encontrará mais informações sobre as noções assinaladas com um asterisco, na secção “Para saber mais”, p. 57.

AUTORA

Isabelle Peloux

TÍTULO

Compreender as crianças para melhor as educar

EDIÇÃO

Quântica Editora - Conteúdos Especializados, Lda. | Praça da Corujeira n.º 38 | 4300-144 PORTO

Tel. 220 939 053 | E-mail: geral@quanticaeditora.pt | www.quanticaeditora.pt

© 2026 Quântica Editora para a edição em língua portuguesa

CHANCELA

Quântica Editora - Conteúdos Especializados, Lda.

DISTRIBUIÇÃO

Booki - Conteúdos Especializados | Tel. 220 104 872 | Fax 220 104 871 | E-mail: info@booki.pt www.booki.pt

TÍTULO ORIGINAL

Comprendre les enfants pour mieux les éduquer - Je passe à l'acte

Publicado por: Actes Sud, França | © 2019 Éditions Actes Sud

Coleção dirigida por: Agnès Galletier e Marie-Noëlle Himbert | Obra dirigida por: Marie-Noëlle Himbert.

Conceção gráfica: Anne-Laure Exbrayat, estúdio gráfico da Actes Sud | Texto: © Isabelle Peloux | Ilustrações: © Étienne Friess

TRADUÇÃO

Joana Sousa

REVISÃO

Quântica Editora - Conteúdos Especializados, Lda.

DESIGN

Delineatura - Design de Comunicação | www.delineatura.pt

IMPRESSÃO

Agosto, 2026

DEPÓSITO LEGAL

567174/26

ISBN

9789899305373



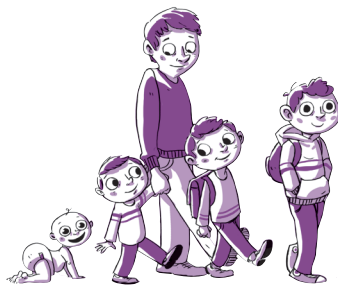
A cópia ilegal viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

Há alguns anos que se sente um despertar: já ninguém nega que é necessário mudar, e muitos começam a acreditar que é possível. Através de uma multiplicidade de pequenas (r)evoluções no nosso quotidiano, cada um de nós tem o poder de construir o mundo de amanhã.

O sucesso do filme francês *Demain*, de Cyril Dion e Mélanie Laurent, e as iniciativas sociais que este suscitou, confirmam que estamos prontos a agir. Mas por onde começar?

Foi desta crescente necessidade de ferramentas práticas para passar ousadamente à ação, que nasceu esta coleção. Destina-se a todos: convictos, hesitantes ou céticos. Aborda todas as áreas da nossa vida quotidiana: consumo, alimentação, habitação, transportes, lazer, educação, etc. Com um objetivo: acompanhar este desejo de mudança, para o sustentar, bem como incentivar e ajudar a concretizar-se.

Forma de expressão prática dos valores defendidos pela coleção *Domaine du possible*, a coleção “Passar à ação” é o seu prolongamento lógico, hoje indispensável.



ÍNDICE

- 6 PORQUÊ
- 16 RODEAR-SE
- 24 EQUIPAR-SE
- 32 LANÇAR-SE
- 40 RESISTIR
- 50 E DEPOIS

- 57 PARA SABER MAIS

A questão da educação sempre foi a minha paixão. Creio poder dizer que surgiu com o nascimento do meu irmão mais novo, quando eu tinha 4 anos. Era a quarta filha e a minha mãe estava bastante ocupada com os três mais velhos. Surgiu-me então a ideia de que era preciso protegê-lo dos adultos que não o sabiam fazer.

Fomos educados de uma forma bastante clássica: “Uma criança é para ser disciplinada”. Cabia ao adulto a responsabilidade de não passar maus hábitos, mas antes de a orientar corretamente. Portanto, era o adulto que sabia aquilo de que o bebé precisava: se chorasse, era preciso deixá-lo chorar, senão ficaria mimado; se manifestasse um desejo inesperado, era preciso corrigi-lo e dizer-lhe que o seu desejo não era bom; se pedisse alguma coisa, era preciso decidir aquilo que se considerava melhor e impor-lho...

MAS O QUE SIGNIFICA “EDUCAR”?

“A resposta do dicionário, Infopedia ou Priberam, é reveladora: este verbo vem do latim *educō*, *educare*. De facto, o dicionário consultado ensina-nos que *educō*, -are significa “nutrir, instruir”. Mas, sobretudo, revela-nos um outro verbo cuja primeira pessoa do presente permanece igual, *educō*, mas cujo infinitivo é *educere*. Deixa de ser sobre nutrir, e sim sobre *e-ducere*, ou seja, “conduzir para fora de” e, em particular, conduzir para fora de si mesmo. Foi isto que permitiu a Catulo usar *educere*

no sentido de “fazer desabrochar” e a Virgílio, atribuir-lhe o significado de “educar uma criança”. O principal objetivo da educação é, evidentemente, revelar a um pequeno ser humano a sua condição humana, ensinar-lhe a participar na construção da humanidade e, assim, incentivá-lo a tornar-se o seu próprio criador, a sair de si mesmo para se tornar um sujeito que escolhe o seu destino e não um objeto que se deixa ser moldado¹.”

1. Albert Jacquard, *L'Héritage de la liberté*, éditions du Seuil, 1986.



AQUELA QUE VIVE NA INDIFERENÇA

A **Catarina** sente falta de atenção e sofre com isso. Um dia magoa-se e percebe que tal faz com que os outros reparem nela. Mais tarde, começa a procurar uma

atenção negativa. Por exemplo, na escola, tenta criar uma ligação com a professora ao arranjar maneira de ser repreendida. Paradoxalmente, para o educador, a Catarina parece mais calma depois dessas situações. Ela constrói uma autoestima invertida.

RODEAR-SE

Um provérbio africano diz que, para educar uma criança, é preciso uma aldeia.

Mas os modos de vida das sociedades atuais foram, pouco a pouco, afastando-nos deste privilégio que é a educação de uma criança por meio de uma comunidade de adultos. A esta realidade juntou-se o medo da imagem que transmitimos aos outros, o medo de agir mal e de se ser julgado por isso.

Como recuperar esta forma de solidariedade? Como ajudar-nos mutuamente neste caminho? Como apoiar-nos entre adultos para ousarmos aplicar esta educação, que leva cada uma das nossas crianças ao melhor de si mesmas?

Antes de mais, evitando cair na armadilha de “Esta criança está mal, de quem é a culpa?”.

Dos 7 anos até à adolescência, a criança descentra-se. Aprende a ter em conta tanto as suas próprias necessidades, bem como as dos outros com quem gosta de se relacionar. É uma aprendizagem longa e difícil, pois requiere um vaivém entre o seu eu interior e os outros. Classifica, organiza e cria as suas próprias escalas de valores e valida, através dos nossos olhares e palavras, se compreende corretamente o mundo. Deixa de ser a idade do “porquê”, mas antes do “como”. A sua curiosidade atinge um novo auge e só pede para ser alimentada. Desenvolve um grande interesse pelo saber, pela cultura, pela sublimação. A criança aprende a cooperar.

EVITAR MENSAGENS CONTRADITÓRIAS

Estou zangada pois já é a trigésima vez que peço à **minha filha** para arrumar o seu quarto, mas peço-lhe com um sorriso e um tom meigo. Ela vai sentir que estou zangada, mas ao pedir-lhe desta forma vai parecer que não estou: o seu sentimento “a mãe está zangada” será invalidado pela ideia “ela disse que não está”. A minha filha vai acreditar na palavra dita e perderá uma referência emocional muito importante, que pode afetar a confiança em si mesma.

Depois de saber pelo seu professor que o **meu filho** se porta mal, falei com ele sobre o meu descontentamento.

No entanto, dou por mim a contar aos meus amigos as asneiras que ele faz durante as aulas. Acabo, assim, por lhe enviar duas mensagens contraditórias: porta-te bem na escola, mas continua a desobedecer, pois tenho orgulho que sejas rebelde. Podem ter a certeza de que ele vai favorecer a opção que o valoriza mais aos vossos olhos!

Ser convergente permite à criança confiar em si mesma para decodificar o seu ambiente e confiar nos seus sentimentos. Tal também lhe permitirá compreender a si própria mais facilmente.

“Brinquem com eles durante 7 anos, eduquem-nos durante 7 anos e sejam amigos deles durante 7 anos.”

Hadith do Profeta²

2. Olivier Follmi e Danielle Follmi, *Souffles. 365 pensées de sages d'Orient*, éditions La Martinière, 2008.



Sim, por vezes as crianças levam-nos ao limite. Mas nem tudo é culpa nossa. Lembremo-nos das conclusões das neurociências: a criança gere as suas emoções através do seu lobo frontal, que só atinge a maturidade entre os 20 e os 25 anos*. O que chamamos de “capricho” numa criança pequena, não existe.

AS 8 FORMAS DE INTELIGÊNCIA

SEGUNDO HOWARD GARDNER



CORPORAL-
CINESTÉSICA



INTRAPESSOAL



MUSICALIDADE,
RITMO



NATURALISTA



INTERPESSOAL



LÓGICO-
MATEMÁTICA



VISUAL,
ESPACIAL



VERBAL,
LINGUÍSTICO

Não se esqueça de também se envolver na partilha. Há quem acredite que corremos o risco de impedir uma criança de descobrir a sua própria natureza se não lhe dermos a possibilidade de escolher de tudo. Não concordo com estes ideais, pois a minha experiência diz-me que a vida funciona de maneiras singulares. É, constantemente, uma fonte de oportunidades e devemos ensinar as crianças a aproveitá-las.

ATREVER-SE A ESCOLHER

Às vezes, quando era criança, os adultos obrigavam-me a fazer certas atividades e estou-lhes muito grata por isso, pois não me teria atrevido a fazê-las se não fossem eles a incentivar-me. Outras vezes, a paixão deles contagiou-me e deixou-me entusiasmada. Que pena não partilhar estas experiências, os nossos sucessos e alegrias! As crianças adoram isso. O importante é ter sempre em mente que eles têm o direito de não gostar, de não dar continuidade. Mas não acredito que os traumatize ao obrigá-los a, por exemplo, cantar ou a fazer parte do coro da escola.

Explico às crianças a minha intenção, digo-lhes que é uma forma de encontrarem a paz interior, que a experiência do coro permite sentir aquilo que não se consegue encontrar quando se está sozinho e descobrir o quanto estar com os outros pode ser fonte de alegria e paz. Depois, arrisco: exijo-lhes que experimentem isto para que, quando forem adultos, tenham um leque de experiências ao qual possam recorrer quando estiverem com dificuldades.

E que, evidentemente, experimentarão outras coisas.

E que a escolha permanece sempre aberta!



Servimos de exemplo sempre que estamos com uma criança. O que quer que façamos, ou mesmo que não façamos nada, queiramos ou não, saibamos ou não, participamos na sua evolução, pois ela observa e aprende: educamo-la.

Mas o que é educar? Nas últimas décadas, esta noção transformou-se radicalmente, passando de um rigor extremo para uma benevolência absoluta, nem sempre bem compreendida. Entre a tentação de deixar a criança fazer de tudo, para termos a certeza de que não a estamos a educar mal, ou, pelo contrário, a tendência para abusarmos da nossa posição de superioridade, ficamos por vezes desamparados.

Através de vários exemplos com os quais nos podemos identificar e ao reforçar noções essenciais como a autoestima, a confiança, a segurança afetiva, o respeito, a relação com os outros e as funções paternas e maternas, este livro fornece as ferramentas para se decifrar e nutrir a ligação que construímos com a criança todos os dias.

Assim, ao assumirmos plenamente a nossa responsabilidade perante este pequeno ser humano que depende de nós, e ao valorizarmos a ligação que nos permite, desde sempre, fazer a viagem de “ida e volta”, vamos ajudá-lo a crescer, até ele encontrar, com serenidade, o seu lugar na nossa comunidade. E durante este percurso, também nós compreenderemos melhor os recursos para uma vida em paz na sociedade.

Isabelle Peloux é professora, formadora na área de relações entre professores e alunos, coordenadora de grupos de apoio para pais. Fundou em 2006 a escola elementar do Colibri, na região francesa de Drôme, no coração do centro agroecológico dos Amanins.

Étienne Friess é ilustrador de bandas desenhadas e de livros juvenis. Já ilustrou um outro título da coleção “Passar à ação”, *Manger moins (et mieux) de viande*.

